

**Juventudes,  
violências e  
vida na cidade.**

Prezados (as) leitores (as) fechamos o ano de 2014 com a publicação desse dossiê. O mesmo reflete a construção de uma rede nacional e internacional que viemos afirmando na Bahia junto ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares sobre Violências, Democracia, Controle Social e Cidadania do PPG em Políticas Sociais e Cidadania da Universidade Católica do Salvador. O Núcleo tem se dedicado aos estudos sobre sociologia e antropologia urbana à partir das cidades, formas de violências e resistências, relações de gênero, polícia, extermínio da juventude negra, política de segurança pública, participação, ativismo e cidadania. Nesse sentido os estudos e pesquisas desenvolvidos por esse recaem sobre problematizações a respeito dos marcadores sociais da diferença, e a produção de lugares, territórios, sujeitos, identidades e sociabilidades em contextos urbanos periféricos.


Nessa coletânea busca interlocução com grupos e pesquisadores do Brasil, Argentina, Uruguai e França, grupos e pesquisadores estes que também vem debruçando-se sobre essa temática.

O dossiê deste número, “Juventudes, Violências e Vida nas Cidades”, organizado por Márcia Esteves de Calazans e Julie Sarah Lourau Silva, inicia abordando o eixo teórico-temático sobre sociologia da juventude (Nilson Wheisheimer), violência, resistência e as dinâmicas espaciais da cidade.

Wheisheimer em Apontamentos para uma Sociologia da Juventude contribui com a reconstrução analítica para juventude enquanto categoria sociológica. Sua linha argumentativa inicia pelo advento da juventude no contexto da modernidade; prossegue apontando as mudanças em diferentes âmbitos da existência humana que marcam a entrada na fase juvenil e suas fronteiras. E ainda discorre sinteticamente sobre enfoque teórico geracional; abordando a juventude como representação social e; propõe algumas categorias presentes nos estudos deste campo buscando desfazer possíveis confusões entre os termos juventude(s), jovens, condição juvenil e situação juvenil.

O artigo Resistência à narrativa, narrativa de resistência, o acompanhamento à narrativa de vida em situação extrema de Christine Delory-Momberger traz uma contribuição importante em torno da prática de história de vida e do conceito de resistência. A autora da visibilidade às condições e aos desafios da narrativa de vida em situação extrema de violência física, psíquica ou moral. A narrativa biográfica dentro das suas resistências a se dizer, a se contar é um elemento importante a ser analisado não somente do ponto de vista individual, mas levando em conta as dimensões políticas e sociais da produção do sofrimento e, ainda as estratégias de resistência em contextos violentos e/ou hostil.

Dando continuidade ao eixo teórico-temático, o artigo *Dynamiques spatiales et mécanismes de contrôle à Salvador de Bahia* de Julie Lourau Silva procura entender como se pensa o espaço urbano dentro dos planejamentos das políticas públicas de segurança e, conseqüentemente, como o pesquisador pode pensar os quadros sócio-espaciais da sua pesquisa. A linha diretriz dessa reflexão é




pensar de que forma e em que proporção o quadro de pensamento (aqui o quadro espacial) influi na própria maneira de pensar; ou seja, como o dispositivo de pensamento já traz um certo quadro de resposta. Nesse âmbito, a contribuição de uma antropologia da cidade participa de uma leitura que se quer fora dos padrões de controle social induzidos pelos recortes administrativos que servem de recortes espaciais para as políticas públicas de segurança.

O segundo conjunto de escritos aborda estudos de casos, e encontra-se agrupado em subtítulos temáticos, tais como “Juventudes, violências e políticas de segurança públicas”; “Juventudes, violências e o sistema punitivo” e “Respostas e formas de resistência às violências”. Nesse recorte temático “Juventudes, violências e políticas públicas de segurança” são exploradas várias combinações entre os serviços sociais especializados e os jovens como no artigo de Puaud e o de Pitta et al.; entre os jovens e a polícia de proximidade no caso das Unidades de Polícia Pacificadoras (UPPs) do Rio de Janeiro relatadas por Abramovay e Castro e por Heilborn et al. E, ainda, as políticas públicas de segurança levadas a efeito na localidade do município de Canoas/RS (sua interface com as violências, crimes, drogas, entre outros), nos territórios de paz em de Kleber e Pazinato.

Em *La gestion de la “racaille”*: *Éléments de compréhensions d’un acte criminel dans un quartier populaire français*, David Puaud cria uma narrativa em torno de um jovem de um bairro popular de Châtellerauld que desde sua primeira infância é “acompanhado” pelos serviços sociais. O autor é também um agente social, educador especializado, o que propicia uma leitura interessante. Ele analisa como o jovem vai desenvolver uma identidade atípica a partir das grades de análises utilizadas pelos serviços sociais e como isso repercute na sua vida, levando-o até o crime. Puaud demonstra como os quadros formais cercam e sufocam o jovem que de vítima social se torna criminal. Tanto o texto do Puaud como o de Lourau-Silva convidam a revisitar os quadros sociais e entender o quanto os quadros normativos influem sobre as populações enquadradas (Puaud) e sobre o modo de pensar seu objeto (Lourau-Silva).

Nesse segundo conjunto o leitor encontrará em *Estudos de caso*, do subtítulo “Juventudes, violências e políticas de segurança públicas” o artigo *MUITAS CABEÇAS, MUITAS SENTENÇAS: Uma mirada acerca das representações sociais das juventudes do bairro Guajuviras (Território de Paz) na cidade de Canoas/RS* de Kerber e Pazinato qual procura abordar e analisar, para além de uma ótica tradicional e longitudinal, as representações sociais das juventudes do Guajuviras, primeiro Território de Paz de Canoas/RS, acerca das políticas públicas de segurança levadas a efeito nessa localidade (sua interface com as violências, crimes, drogas, entre outros), restringindo-se ao período compreendido entre 2009, início da implantação do citado Programa na cidade, e o ano de 2011, marco dos primeiros dois anos de desenvolvimento dessa iniciativa no Município.

Miriam Abramovay e Mary Garcia Castro em *Cidadanias negadas*:




Os jovens em territórios com unidades de polícia pacificadora – Rio de Janeiro, exploram como as favelas em que vivem os jovens são por eles retratadas, cidadanias vividas e negadas, considerando condições de vida como escolaridade, trabalho, nível sócio econômico das famílias, percepções sobre as UPPs, o que eles indicam como principais problemas das áreas em que vivem, expectativas quanto ao Governo-retorno da Copa e das Olimpíadas para as suas ‘comunidades’- e, em especial, como as violências se fazem presente de forma latente e manifesta em seus relatos.

Márcia Esteves de Calazans, em Homicídios de Jovens em Salvador e as Novas Tessituras das Cidades se propõe a analisar o significado das novas políticas públicas de segurança centradas na questão do território, a partir dos primeiros resultados de uma pesquisa em curso na cidade de Salvador: Organização Social do Território: Homicídios de Jovens em Salvador. Busca refletir, sobretudo, em que medida os novos padrões da mortalidade juvenil, que vêm se desenhando em Salvador, têm sido impactados pelas novas políticas públicas de segurança.

Os números são elevados, os jovens, sobremaneira, são atores principais, ou seja, atingem uma categoria bem definida – jovens negros – e localizam-se em determinadas áreas integradas de segurança pública. Ou seja, ao mesmo tempo em que dão visibilidade à desigualdade no que diz respeito ao acesso desta população a serviços, também o fazem quanto à forma como a violência é distribuída na metrópole e como a política pública de segurança intervém no território. Se por um lado a violência letal aponta uma categoria social bem definida, levando ao risco de uma associação à imagem da periferia, por outro é importante pensarmos que se trata de uma temática urbana, da vida nas cidades, e que coloca em xeque a garantia de direitos fundamentais, o acesso a serviços tais como saúde, educação, saneamento, cultura, esporte e lazer.

Em Jovens, gênero, mídia e violência em contexto de “pacificação na cidade do Rio de Janeiro, Maria Luiza Heilborn, Alfonsina Faya Ana Paula Damasceno e Josué de Souza detém-se sobre o tema da violência e juventude em territórios de conflito armado na cidade do Rio de Janeiro em razão da presença ou da tentativa de controle do narcotráfico. Está baseado em duas investigações qualitativas em favelas cariocas que contam com Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). As características particulares de cada favela imprimem à violência e o modo da mesma ser retratada pela mídia, traços específicos de lidar com a população jovem, sobretudo a de sexo masculino, que é simultaneamente autora e vítima de violência. Neste trabalho as autoras e autor descrevem alterações das dinâmicas sociais introduzidas, em especial na sociabilidade juvenil, pela presença ostensiva da polícia segundo as narrativas dos moradores de cada localidade. E, ainda, demonstraram de que modo a mídia ajudou a sustentar a implantação desta política pública através da adoção da dicotomia guerra/paz e pelo modo de apresentação dos eventos ligados à criminalidade nas áreas investigadas.

Pitta et al. formam uma equipe multidisciplinar de saúde mental e



profissionais sociais operando no projeto Capitães de areia, dando apoio à jovens de rua em situação de violência, droga e exclusão, no centro histórico de Salvador. Nesse artigo, os autores desenham 4 retratos de jovens para dar conta das estratégias que o projeto Capitães de areia articula para dar um suporte aos jovens. Os profissionais acionam de maneira singular, para cada jovem, determinados serviços sociais tais como: agendamento de visitas médicas, abrigos, assistência administrativa, escola, etc. Assim, o projeto tem em vista de minimizar as violências contra eles cometidas ou por eles cometidas dentro da ideia de uma sociedade mais justa e equitativa e tentando viabilizar as políticas públicas voltadas para o enfrentamento do abandono e exclusão.

Em “Juventudes, violências e o sistema punitivo” segundo sub-título de conjunto de escritos a partir de estudos de caso Alcira Daroqui e Silvia Guemureman em Registro de violencias padecidas por los jóvenes en el sistema carcelario: las micropenalidades y los suplementos punitivos, mostrar la violencia que es ejercida sobre los jóvenes de sectores socialmente vulnerables, aquellos habitualmente señalados como violentos y capturados por las agencias de control social y que desfilan por toda la cadena punitiva, desde la aprehensión por alguna de las fuerzas de seguridad, pasando por los pasillos de los tribunales y dirimiendo sus destinos entre la libertad, el riesgo, la cárcel y la muerte prematura. Mostrar el despliegue de las agencias de control social implica dar cuenta de las prácticas que ejercen en sus rutinas cotidianas las fuerzas de seguridad, los jueces, los agentes de tratamiento, los penitenciarios, y toda el espectro de profesiones que se ocupan de la “desviación” (Cohen, 1979). La gama es amplia, y para este artículo hemos decidido hacer un recorte que implicó la toma de decisiones sucesivas. Las prácticas a mostrar serán las prácticas punitivas carcelarias y dentro de éstas, aquellas que implican el uso de la fuerza.

Esto supone que los sujetos destinatarios de esas prácticas ya han sido capturados y por lo tanto, ya han padecido diversas violencias por parte de las fuerzas de seguridad. Hemos escogido el grupo poblacional de los jóvenes comprendidos entre los 15 y los 34 años en situaciones de encierro punitivo (unidades penitenciarias e institutos de seguridad para personas menores de edad) como aquel destinatario de esas prácticas y sobre cuyos cuerpos se ejercen el uso de la fuerza y la violencia institucional. Finalmente, y como nuestros registros proceden de investigaciones concretas, hemos elegido circunscribirnos a la Provincia de Buenos Aires, jurisdicción en donde habita el 39% de la población de la República Argentina.

Nilia Viscardi e Ricardo Fraiman com Entre fierros e plata dulce: consideraciones acerca de las trayectorias de adolescentes privados de libertad, apontam las actuales dinámicas económicas, familiares y comunitarias de los barrios pobres y asentamientos irregulares de la ciudad de Montevideo, arrojan a muchos adolescentes al mercado informal de trabajo y a otros a mercados ilegales en los que el robo, la distribución minorista de drogas y la prostitución son fuentes de provisión de dinero. La contracara institucional de este mundo no es



el Estado que protege por vía del amparo, la escuela, la vivienda o el reaseguro del contrato salarial, sino el Estado que castiga: para muchos adolescentes y jóvenes, los programas de privación de libertad y la cárcel constituyen el vínculo más duradero y vivido con el Estado. En estas condiciones se consolidan relaciones fuertemente estructuradas en torno al delito y al uso de la violencia como bien intercambiable por parte de adolescentes vulnerables. El artículo analiza los intercambios de dones y contra-dones, los procesos de reclutamiento, prestigio y membresías que se dan en los barrios, familias y economía del delito y la infracción adolescente y juvenil, a partir del estudio de las trayectorias infraccionales de adolescentes privados de libertad.

O texto de Gadrás participa do capítulo “Resposta a violência” a través da estratégia de resistência atuada pelo grupo os “Black Dragons”, reunindo jovens de origem africana, em Paris, numa atitude defensiva em relação com atos racistas e violentos de skinheads que ocorrem em Paris na década de 80. O autor explora os motivos e os recursos de jovens em situação de racismo a través de mecanismo de resistência e/ou ofensiva a partir da prática das artes marciais e a relação que se opera então entre o social e o político.

Eduardo Paes Machado e Ana Márcia Nascimento Este artigo contrasta conjuntos de práticas de segurança, examinando as conexões entre eles a as redes nodulares de taxistas em Salvador, Brasil. Utiliza dados extraídos de entrevistas, observação direta e matérias jornalísticas. Aponta a influência da diferenciação sociocupacional nas práticas acionadas pelos taxistas. Argumenta que estes procedimentos constituem e são constituídos pelas redes nodais. Demonstra o papel decisivo destas últimas na geração, operação e articulação das práticas de segurança individuais e coletivas. Conclui que as redes nodais influenciam o imaginário e construção social dos motoristas como comunidades ofensivas que precisam ser compatibilizadas com uma governança da segurança mais ampla, justa e democrática.

**Editoras** Márcia Esteves de Calazans  
Julie Sarah Lourau-Silva